

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

DA SUBJETIVAÇÃO À DESSUBJETIVAÇÃO: EFEITOS DE UMA BIOPOLÍTICA E SUA RELAÇÃO COM O DISPOSITIVO DA MODA

FROM SUBJECTIVATION TO DESUBJECTIVATION: EFFECTS OF A BIOPOLITICS AND ITS RELATION TO THE FASHION DEVICE

Humberto Pires da Paixão¹

RESUMO: O presente artigo propõe uma reflexão acerca da noção de sujeito desenvolvida por Michel Foucault. Assim, propõe-se discutir a produção histórica dos sujeitos, frutos que são dos discursos e dos dispositivos a eles correspondentes, sendo, pois, resultantes dos processos de objetivação e subjetivação. Além disso, cumpre também analisar outro aspecto das subjetividades: a dessubjetivação operada no centro de uma biopolítica voltadas às populações, bem como sua relação com o dispositivo da moda.

PALAVRAS-CHAVE: subjetivação; dessubjetivação; biopolítica.

ABSTRACT: The present article proposes a reflection about the notion of subject developed by Michel Foucault. Thus, it is proposed to discuss the historical production of the subjects, fruits that are of the discourses and the corresponding devices, being, therefore, result of the processes of objectivation and subjectivation. In addition, it is also necessary to analyze another aspect of the subjectivities: the desubjectivation operated at the center of a biopolitics directed to the populations, as well as their relation with the device of fashion.

KEYWORDS: subjectivation; desubjectivation; biopolitics.

Em consonância com o pensamento de Michel Foucault, pode-se afirmar que, da conjunção entre os eixos do poder e do saber, emerge em suas pesquisas seu tema e eixo central: o sujeito. Nessa perspectiva, o projeto foucaultiano constitui-se como uma tentativa de fazer uma arqueogenealogia do sujeito, dividido em três domínios: 1) o sujeito em sua relação com a verdade e o saber; 2) o sujeito em sua relação com o poder; 3) o sujeito em sua relação com a ética. A justificativa para tal divisão encontra-se na recorrência com que Foucault lança seu olhar para as relações, bem como no fato de a noção de sujeito ser histórica e ter diferentes usos em diferentes epistemes, evitando, dessa forma, o sono profundo das filosofias antropologizantes. Nas palavras do próprio filósofo: “Era certamente necessário que eu recusasse uma certa teoria *a priori* do sujeito para poder fazer essa análise das relações possivelmente existentes entre a constituição do sujeito [...] e os jogos de verdade, as práticas de poder etc. (FOUCAULT, 2010a, p. 275).

¹ Doutor pelo PPGL-Letras/UFG. Participante do Grupo Trama: Laboratório de Estudos Discursivos. Servidor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás. E-mail: paixaohumberto@hotmail.com

Excluindo, pois, tanto as noções antropológicas quanto também as psicológicas – já que, para Foucault, até mesmo o inconsciente se constitui a partir de uma relação de poder –, o filósofo francês, em sua arqueologia, aproxima-o de uma função. Sob a ótica discursiva, entende-se que, antes de um fundamento dos discursos, o sujeito é uma função discursiva. Não há, pois, um sujeito universal, uma consciência a partir da qual brotariam pensamentos, desejos, ações: “[...] penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito.” (FOUCAULT, 2010a, p. 291). Esse posicionamento tem se mostrado ou se tornado uma alternativa produtiva e contundente (especialmente para a AD) para se pensar essa noção complexa, dado que, no âmbito dos enunciados, o lugar do sujeito é vazio, o que equivale a dizer que não há alguém que de direito ou por meios escusos ocupe-o *a priori* e com ele se confunda. Tal espaço pode ser apropriado por aquele que preencher certas condições, ou ter o direito por ser capacitado, ou estar apto pelo *status* ou função que ocupa.

Isso nos leva a pensar que a produção histórica das subjetividades diz respeito à arqueogenealogia na medida em que tanto a constituição de certos saberes quanto de certos poderes que incidem sobre o indivíduo são determinantes no processo de constituição dessas subjetividades. Em Foucault, fala-se, então, de uma constituição dos sujeitos a partir de práticas e técnicas que agem diretamente sobre indivíduos, regulamentando as atitudes, os comportamentos, os corpos, fixando-os como uma produção dos discursos: “[...] o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimento são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas.” (FOUCAULT, 2002, p. 27). Essas implicações entre o poder e o saber na fabricação de subjetividades são interessantes e relevantes, especialmente para a AD, uma vez que os enunciados apontam para posições-sujeitos marcadas por relações de poder. Estando tais relações enraizadas no meio social, é nesse espaço que se definem as posições possíveis de serem ocupadas pelos sujeitos e “[...] a análise de discursos deve fazer aparecer esses elementos e explicitar suas formações e transformações históricas” (FERNANDES; ALVES JÚNIOR, 2009, p. 111).

Da subjetivação à dessubjetivação

Como o sujeito não deve ser apreendido como uma essência psicológica, mas sim “[...] um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2009, p. 61), entra em cena a subjetivação, que consiste “[...] no processo constitutivo dos sujeitos, processo de produção de subjetividades, que possibilita, em uma acepção foucaultiana, a objetivação dos sujeitos.” (FERNANDES, 2008, p. 78). Constituído na relação com a exterioridade, o sujeito se reconhece como tal dadas certas condições de emergência, daí a referência foucaultiana à objetivação do sujeito. Ao tratar das formas de objetivação e de subjetivação, o que ele busca é, portanto, entender a constituição do indivíduo moderno. Resumidamente: os modos de objetivação concorrem para a constituição do indivíduo em um “objeto dócil e útil”, enquanto os modos de subjetivação transformam-no em sujeitos. Nessa linha de raciocínio, o termo sujeito “[...] serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituído a partir dos processos de subjetivação.” (FONSECA, 2003, p. 26). Quanto a isso, Foucault (2010b, p. 235, grifo nosso) constata que:

A questão é determinar o que se deve ser o sujeito, a que condições ele está submetido, qual o seu *status*, que posição deve ocupar no real ou no imaginário para se tornar sujeito legítimo deste ou daquele tipo de conhecimento; em suma, trata-se de determinar seu *modo de 'subjetivação'*; pois este não é evidentemente o mesmo quando o conhecimento em pauta tem a forma de exegese de um texto sagrado, de uma observação de história natural ou de análise do comportamento de um doente mental. Mas a questão é também e ao mesmo tempo determinar em que condições alguma coisa pode ser problematizada como objeto a ser conhecido, a que procedimento de recorte ela pode ser submetida, que parte dela própria foi considerada pertinente. Trata-se, portanto, de determinar seu *modo de objetivação*, que tampouco é o mesmo de acordo com o tipo de saber em pauta.

A essas considerações, gostaríamos de acrescentar que, para um entendimento mais abrangente e eficaz desses processos (objetivação/subjetivação), necessário se faz tomá-los a partir da noção de “dispositivo”, pois se trata de um conceito operacional ou estratégico, que se volta para as práticas (concretas ou discursivas). Por meio de tais práticas ocorre o que Foucault (2010b) chamou de objetivação do sujeito, isto é, essas práticas fazem de um sujeito o seu objeto, constituindo determinados saberes sobre ele

que estão além de uma relação epistêmica, bem como apontam para uma operação de subjetivação que liga o sujeito a uma forma de ser, de comportar, de agir, em suma, a uma determinada identidade. Assim, não havendo um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo (AGAMBEM, 2009), logo, os dispositivos são fundamentais, pois agem como “[...] uma chave de entrada para a descrição/interpretação dos processos de subjetivação, que funcionam como efeitos de poder” (NAVARRO, 2008, p. 97).

Apesar de Foucault não ter se voltado explicitamente para a questão identitária, preferindo falar de subjetividades/processos de subjetivação, ou mesmo de relações de diferenciação – como ele mesmo afirma numa entrevista: “[...] as relações que devemos manter com nós mesmos não são relações de identidade; elas devem ser, antes, relações de diferenciação, de criação, de inovação.” (FOUCAULT, 2014, p. 255) –, o processo de fabricação de identidades está intimamente associado à importante questão foucaultiana de “quem somos nós?”, enquanto sujeitos, e da possibilidade de, a partir daí, “recusar o que somos”, promovendo uma desidentificação/desidentidade. O próprio filósofo-historiador, num vislumbre sobre a identidade, demonstra um entendimento de que a palavra sujeito, em sua relação com o poder, apresenta dois significados: “[...] há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade.” (FOUCAULT, 2010b, p. 278).

Na chamada era pós-moderna, ou alta modernidade, conforme entendimento de alguns autores, vive-se num mundo em constante mudança, sob a tutela de uma biopolítica, no qual se constroem e se mantêm os espectros de identidade sempre em movimento, em pleno voo; um mundo de oportunidades fugazes e seguranças frágeis, no qual “as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam”, conforme a perspectiva apresentada por Bauman (2005, p. 33). Daí a crescente demanda pelo que este autor denomina como “comunidades guarda-roupa”, reunidas enquanto dura o espetáculo e desfeitas tão logo não sejam mais necessárias, ou seja, marcadas pela curta duração de seu ciclo de vida e pela precariedade do compromisso para nelas se ingressar.

Ao associar a noção de dispositivo aos processos de subjetivação, Agamben (2009, p. 147) também pontua a existência atualmente de processos de dessubjetivação.

“O que define os dispositivos com os quais temos que lidar na atual fase do capitalismo é que estes não agem mais tanto pela produção de um sujeito quanto por meio de processos que podemos chamar de dessubjetivação.”. Nessas circunstâncias, os indivíduos não são mais individualidades, isto é, seres indivisíveis, mas passam nessa nova tecnologia de poder à condição de “divíduos”, como destaca Deleuze (2010, p. 226): “Os indivíduos tornaram-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’”. Esse é um outro dado que também poderia ser produtivo para a Análise do Discurso já que alguns autores entendem que, na teoria do discurso, “[...] abandona-se a categoria do sujeito empírico, do indivíduo, e trabalha-se com um sujeito dividido, com uma categoria teórica construída para dar conta de um lugar a ser preenchido por diferentes posições-sujeito em determinadas condições circunscritas pelas formações discursivas.” (FERREIRA, 2003, p. 43).

Seres divisíveis organizados sob a forma de bancos de dados, perdendo a sua assinatura e o seu número, ou seja, a sua antiga identidade em favor de uma senha. (In)divíduos e massas agora, nas sociedades em que o controle impera, são fragmentados e (re)absorvidos e, melhor dizer, gerenciados por empresas, de acordo com a visão deleuziana, “[...] a empresa introduz o tempo todo uma rivalidade inexpréssível como a emulação, excelente motivação que [...] contrapõe os indivíduos entre si e atravessa cada um, dividindo-o em si mesmo.” (DELEUZE, 2010, p. 225).

Nesse ponto específico da reflexão sobre os processos de subjetivação e de dessubjetivação, vale também retomar e adicionar uma intrigante diferenciação proposta por Foucault entre povo e população: “O povo é aquele que se comporta em relação a essa gestão da população, no próprio nível da população, como se não fizesse parte desse sujeito-objeto coletivo que é a população, como se se pusesse fora dela, e, por conseguinte, é ele que, como povo que se recusa a ser população, vai desajustar o sistema.” (FOUCAULT, 2008, p. 57)

Numa espécie de controle aberto e contínuo, sutil, mas hipereficiente, promovido pelo biopoder em direção à população, as instituições sociais produzem e gerenciam (in)divíduos muito mais flexíveis e moldáveis que outrora. A preocupação com o “estilo de vida” associada à necessidade exacerbada de consumo são duas formas de adequação do indivíduo que comprovam a eficiência desse poder na construção de

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

novas subjetividades. Na sociedade de controle, a subjetividade produzida não está fixada na individualidade, isto é, o indivíduo não pertence a uma identidade, ao contrário, pertence a todas.

Apontamentos sobre a subjetivação e a dessubjetivação na sua relação com a moda

Sem desconsiderar o lado daqueles que tiveram acesso negado à “escolha” identitária², pode-se refletir, com base na expressão cunhada por Bauman (2005) - comunidade guarda-roupa - sobre a relevância da moda para os processos de subjetivação/identificação, especialmente para a precariedade e volatilidade com que esta se mostra na contemporaneidade. Lipovetsky (2009) afirma, com razão, que hoje não há uma moda, mas modas no plural, ao que podemos acrescentar que as figuras *prêt-à-porter* da moda contemporânea são muitas, para todos os gostos, variando em atitude e identidade (MESQUITA, 2008). Isso faz com que haja em igual medida uma heterogeneidade de subjetividades, isto é, no mundo contemporâneo, os sujeitos bem como as identidades de que fazem uso são plurais, podendo ser trocadas como se troca de roupa: “[...] toda uma tipologia das formações subjectivas, em dispositivos que não são fixos”, sentencia Deleuze (2005, p. 88). Como complemento às observações feitas por Bauman, a noção de “supermercado de estilos”, fornece, no âmbito da moda, um correspondente dessa pluralidade identitária.³

Não sendo da ordem do natural e muito menos do abstrato, as identidades (ou subjetividades) se constituem, circulam e funcionam por meio dos discursos, isto é,

² Bauman considera ainda a existência de indivíduos abaixo da linha identitária, por assim dizer, e que compõem uma subclasse: “Há um espaço ainda mais abjeto – um espaço abaixo do fundo. Nele caem (ou melhor, são empurradas) as pessoas que têm negado o direito de reivindicar uma identidade distinta da classificação atribuída e imposta. [...] São as pessoas recentemente denominadas de ‘subclasse’: exiladas nas profundezas além dos limites da sociedade – fora daquele conjunto no interior do qual as identidades [...] podem ser reivindicadas e, uma vez reivindicadas, supostamente respeitadas.” BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. p. 45.

³ Polhemus [...] cria a expressão pela predominância das subculturas ou ‘tribos urbanas’ como fonte de inspiração para os designers de Moda, fazendo com que elementos, a princípio genuínos, se tornem rapidamente comerciais. Este fenômeno joga no mercado produtos de origem e culturas esteticamente diversas e polifônicas. Produtos que, instantaneamente, são misturados a outros, de diferentes naturezas constituindo um mix de referências. Isto possibilita a própria produção da ideia do *self service*, assim como acontece nos carrinhos de compras no supermercado. (MESQUITA, 2008, p. 221).

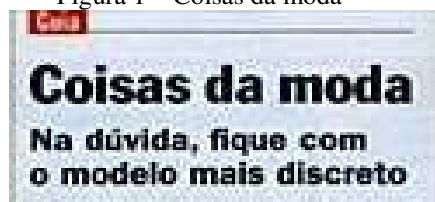
trata-se de um processo ou de uma produção decorrente das práticas discursivas, para o qual, segundo alguns autores, seria mais adequado o termo “processos de identificação” em substituição ao uso do termo “identidades” (SOUSA SANTOS, 2008). Obviamente, esse processo não se desenvolve de forma isolada e não se irradia a partir de um centro ou um foco único, mas, nesse quesito, não há como deixar de constatar o decisivo papel dos dispositivos, em especial do dispositivo midiático quanto à disponibilização de variadas posições de sujeito/identidades.

A pertinência de tais apontamentos pode ser explicitada por meio de sua íntima relação com a problemática da constituição do sujeito em Foucault, “[...] constituição que se dá no presente e que fabrica, para o presente, um tipo específico de indivíduo” (FONSECA, 2003, p. 10); assim, para Foucault (2006, p. 69), “[...] o que se deve chamar de indivíduo é o efeito produzido, o resultado dessa vinculação [...] do poder político à singularidade somática”. Se partirmos da ideia de que estamos vivendo numa sociedade de controle, sob as astúcias de um biopoder, cujo exercício se dá de forma sutil, pulverizada, esvaziada, mas extremamente eficiente, então, os diferentes dispositivos, como o da moda, por exemplo, em comunhão com outros dispositivos, em especial o midiático, segue produzindo identidades ou subjetividades que, aparadas algumas arestas, revelam um determinado padrão de aceitabilidade. Esse padrão, responsável por traçar limites entre o certo do errado, o belo do feio, o bom e o ruim, é aquilo se consubstancia nas chamadas “tendências”, isto é, em linhas gerais, as tendências aparam os excessos e promovem uma conformidade tanto desse sujeito-corpo quanto do sujeito-população (veja bem, da população e não do povo) com os preceitos de uma época que, sob a chancela da normalização e da normatização, objetiva a “administração dos corpos e gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 1999, p. 131), isto é, o enquadramento dos indivíduos numa média ou num nível médio, intermediário, longe, portanto, daquilo que é considerado excessivo.

A figura 1 ilustra essa noção de normalidade e normatividade, ao “sugerir”, já no subtítulo, que o/a leitor/a deve optar por “um modelo mais discreto”. Ao longo do texto, expressões do tipo “seres humanos normais”, “sobriedade”, “cuidados básicos” corroboram essa tendência a uma padronização, em oposição a uma tendência mais livre e desimpedida.

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Figura 1 – Coisas da moda



Fonte: Veja, 2002.

Logo, apesar da vulgata afirmar que a regra hoje é não ter regras, na verdade, tal adágio já é em si uma regra, ou sendo mais específico, uma norma, já que se vive hoje num tempo com uma presença maior desta em detrimento daquela. O excesso indica, pois, a linha do inaceitável, do feio, do que foge aos padrões, daí que a tônica dos tempos atuais aponta para o caminho do meio, o equilíbrio, o que, no âmbito da moda, exige-se não ser um *outsider* e muito menos uma *fashion victim*, como diz a chamada da revista (figura 2), “a moda agora é ser (ou parecer) normal” e, como acrescenta o texto da figura 1, “seres humanos normais precisam de sobriedade” e, “na dúvida, fiquem com o modelo mais discreto”.

Figura 2 – Capa Revista Elle



Fonte: Revista Elle, jul. 2014.

Arelado ao conceito de “estilo de vida”, o dispositivo da moda corrobora com o exercício do poder que incide sobre a vida. “Em seu constante movimento de

renovação, a moda passa a se ligar cada vez mais estritamente à noção de estilo ou à ideia de atitude” (MESQUITA, 2012, p. 42). No entanto, como os sujeitos reagem diante daquilo que lhe é disponibilizado, subjetivando-se ou não, estas subjetividades também são, digamos, revisitadas pelo próprio dispositivo com vistas à construção de novos modelos e formas de comportamento. Desde a ascensão do *ready-to-wear* americano ou do *prêt-à-porter* francês, “[...] criar conceitos nas passarelas, expor mercadorias em *outdoors* e vitrines, produzir imagens de Moda que reflitam aquilo que está se passando na subjetividade é [...] uma grande estratégia da máquina capitalista.” (MESQUITA, 2008, p. 222). Isso tem como implicação a inspiração cada vez maior, por parte da moda, em elementos que emergem de/em certos espaços não canônicos, seja a rua, os *nightclubs*, a praia, as quadras de esporte, enfim, lugares em que as subjetividades fazem usos variados de elementos da mesma maneira variados, mas que se apresentam também na condição de tendência: “[...] esse vaivém entre alguns modelos e sua adaptação pelos indivíduos, essa negociação sem palavras, é que fabrica as tendências.” (ERNER, 2005, p. 118).

É inegável a existência de um privilégio concedido a um modo de ser que se pauta numa ideia de corpo perfeito (vide o corpo da modelo na capa da revista – figura 1), na alimentação saudável, no uso de roupas que focalizam certo modelo somático; enfim – as publicidades de moda, por exemplo, atestam constantemente isto – a figura exemplar dos sujeitos deve seguir um determinado padrão corpóreo. No entanto, seria precipitado ou mesmo incorreto afirmar que esse é o único modelo que se apreende dos discursos em diferentes suportes advindos da moda. Como resposta às urgências e às demandas que vão surgindo, em grande medida advindas de processos de resistência, outros modelos somáticos, comportamentais, ou mesmo dos chamados estilos de vida, são incorporados e re(in)vestidos, e disponibilizados para o consumo pelos indivíduos (metrossexual, antimetrossexual, lumbers etc), conforme se pode atestar por meio da figura 3. Afinal, os sujeitos sob a ótica do dispositivo da moda são, sobretudo, sujeitos consumidores, “[...] não apenas de produtos, mas também de imagens, modelos diferenciados de corpos, estilos de vida, em uma crescente ressignificação do tempo e do espaço, que se evidencia pela reorganização da imagem do corpo, ou mais especificamente de imagens do corpo *da e na* moda.” (CASTILHO, 2012, p. 89).

Figura 3 – O Antimetrossexual



Fonte: Jornal O Popular, 18 jan. 2015.

Dessa maneira, apesar de certos vetores dos dispositivos, em especial o dispositivo da moda, agirem no sentido de seu fechamento, suas fronteiras são sempre postas em deslocamento para que novos elementos possam ser incorporados e promoverem a sua atualização. É o que se depreende da matéria de um jornal (figura 4), que chama atenção pelo fato de mostrar a incorporação de indivíduos até então deixados do lado de fora do mundo *fashion*.

Figura 4 – Modelos com down, albinismo e vitiligo



Madeline Stuart: modelo com síndrome de Down apresenta-se hoje no New York Fashion Week

Moda

MODELOS COM DOWN, ALBINISMO E VITILIGO SÃO APOSTA NAS PASSARELAS

Anna Virginia Baloussier
SÃO PAULO/FOLHAPRESS

Madeline tem síndrome de Down. Fifi, filha de negros da África do Sul, é albina. O vitiligo de Chantelle se espalha por corpo e rosto inteiros. Melanie nasceu com rara condição genética que afeta o crescimento de dentes, cabelos, unhas, cartilagem e ossos – mesma doença do ator Michael Berryman, escalado por Wes Craven (1939-2015) para seus primeiros filmes de terror. A vida das quatro poderia seguir um script de pavor, marcado pela rejeição reservada àqueles ejetados do conceito de belo eleito para cada época. Elas, contudo, deram a volta por cima, e nas passarelas, como modelos em alta.

Nos últimos anos, a indústria da moda parece ter sacado que pega bem incluir exceções como os exemplos citados acima, ainda que para confirmar a regra nos desfiles. Assim, jovens amputadas, parálticas e plus size

passaram a caminhar entre uma maioria de meninas à moda Gisele Bündchen – e as grifes não perdem a chance de transformar a novidade em outdoor do politicamente correto.

Com alegria máxima, a FTL Moda anunciou Madeline Stuart para sua apresentação na New York Fashion Week, hoje. A marca, que já contratou uma garota com braço bíblico, convoca agora a australiana que assim se introduz em seu site: “Oi, meu nome é Madeline. Eu sou uma modelo. Tenho 18 anos e síndrome de Down”. A modelo, que também é dançarina, nadadora, líder de torcida e joga basquete e críquete, reinventa em causa própria um lema do joalheiro Harry Winston (1896-1978): “As pessoas vão encarar. Faça valer a pena”. Foi isso que ela decidiu fazer, 16 meses atrás.

Com ajuda da mãe, Rosanna, que lida com “a parte estressante do negócio”, ela conta à reportagem por e-mail que, certo dia, odiou o

reflexo no espelho. “Parei de comer besteira seis dias por semana e fui de 66,5 Kg para 57 Kg.” A mãe pagou por sessões de foto e compartilhou a história da filha na internet. “Vitalizei”, diz Madeline, que desde então fez campanhas em que aparece com biquíni laranja, tutu rosa de bailarina e roupas de ginástica com estampa da Pequena Sereia.

No Facebook, ela comemorou o chamado para a semana de moda nova-iorquina com interjeições em inglês de euforia: “Yahoo and yippee”. “Amo ser uma modelo com síndrome de Down. É por isso que as pessoas fazem tanto barulho sobre mim”, afirma.

BAUNILHA NEGRA

Modelo há 16 anos, a sul-africana Fifi Modiselle, 29, blinda a pele com filtro solar fator 50. Contra o preconceito por ser albina, ela se protege com ideias. Ao contrário de Madeline, não quer ser tratada como diferente. “As agências me diziam que eu

Fonte: Jornal O Popular, 6 set. 2015.

Os sujeitos, na contemporaneidade, são chamados – ou mesmo conclamados, convocados – a uma busca ininterrupta de (re)atualização estética, visual, vestimental para uma melhor performance social. Tanto no trabalho, quanto nas horas de lazer, ou mesmo nos recônditos da vida privada, a orientação geral é de estar sempre adequado, de ter estilo, de se vestir e se portar de forma apropriada. Portanto, tais sujeitos, convocados a serem protagonistas de suas ações (PRECIOSA, 2012), vivem uma exacerbação do “cuidado de si”, não no sentido grego da expressão, já que, como constata Foucault (2014b), o cuidar de si, na cultura helênica, consistia em conhecer a si mesmo. Na contemporaneidade, os sujeitos são incitados a buscar um *updating* constante sobre o que é possível de se usar ou de se vestir, recorrendo muitas vezes ao conhecimento de profissionais especializados em tais tarefas. *Personal stylist*, *personal shoppers* e outros tantos *personals* são figuras cada vez mais presentes na cena contemporânea, cuja tarefa consiste em acompanhar a composição do visual de outrem, disparando seus discursos de autoridade.

Algumas palavras para finalizar

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

Enfim, as linhas de subjetivação, como denominadas por Deleuze, em sua função de produção de subjetividades ou de identificações, proporcionam uma mediação do sujeito consigo mesmo de modo que possa se assumir como sujeito de enunciados e, sobretudo, de visibilidades. Dessa maneira, este indivíduo, transformado em sujeito pela intersecção de diferentes dispositivos, aprende e apreende, em seu processo de subjetivação, um jogo de regras, que, no caso do dispositivo da moda, versam sobre o que e como vestir, sendo tais regras produzidas, postas em circulação e/ou disponibilizadas para, a partir delas, os sujeitos efetuarem um número restrito de operações sobre seus corpos, seus gestos, suas ações no interior de certos aparatos de visibilidade (MARCELLO, 2003). A partir disso, em consonância com Deleuze (2005), questiona-se se as linhas de subjetivação não são a/não se encontram na borda extrema de um dispositivo, quer dizer, se não esboçam a passagem de um dispositivo a outro, o que nos leva a pensar que, nesse sentido, elas se ocupariam ou preparariam as linhas de fratura.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius N. Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- CASTILHO, Kathia. Tecendo imagens do tempo vivido: o design de imagens do corpo. In: FAÇANHA, Astrid; MESQUITA, Cristiane. *Styling e criação de imagem de moda*. São Paulo: Editora Senac, 2012. p. 87-97.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2010.
- _____. O que é um dispositivo? In: _____. *O mistério de Ariana*. Tradução Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 2005. p. 83-96.
- ERNER, Guillaume. *Vítimas da moda? Como a criamos, porque a seguimos*. Tradução Eric Roland René Heneault. São Paulo: Editora Senac, 2005.

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

FERNANDES, Cleudemar; ALVES JÚNIOR, José Antônio. Mutações da noção-conceito de sujeito na análise do discurso. In: SANTOS, João Bosco Cabral (Org.). *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 103-119.

_____. De sujeito a subjetividade na Análise do Discurso. In: SARGENTINI, Vanice; GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Análise do Discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 69-82.

FONSECA, Márcio. *Michel Foucault e a constituição do sujeito*. São Paulo: Educ, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neto. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. v. 1 Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

_____. *Michel Foucault: ética, sexualidade, política*. In: MOTTA, Manoel Barros. (Org.). v. V. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. (Coleção Ditos e Escritos).

_____. *Michel Foucault: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. In: MOTTA, Manoel Barros. (Org.). v. XI. Tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014. (Coleção Ditos e Escritos).

_____. *Nascimento da biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. 2. ed. Tradução Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. p. 273-295.

_____. *O poder psiquiátrico*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MESQUITA, Cristiane. A moda à espera dos corpos: um olhar sobre o discurso da “liberdade de escolha”. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia; CASTILHO, Kathia (Org.).

Corpo e moda: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 219-229.

_____. Para além do design: styling e criação de imagem de moda. In: FAÇANHA, Astrid; MESQUITA, Cristiane (Org.). *Styling e criação de imagem de moda*. São Paulo: Editora Senac, 2012. p. 37-47.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. *Dispositivo de maternidade: mídia e produção agonística de experiência*. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2003.

NAVARRO, Pedro. Mídia e identidade: o novo homem e a nova mulher entre imagens fragmentadas e discursos “líquidos”. In: _____. (Org.). *O discurso: nos domínios da linguagem e da história*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 89-100.

O POPULAR. *Modelos com down, albinismo e vitiligo são aposta na passarela*. Goiânia. 6 set. 2015.

O POPULAR. *O antimetrosssexual*. Goiânia. 18 jan. 2015.

PRECIOSA, Rosane. Mudar, parecer e seus possíveis desígnios. In: FAÇANHA, Astrid; MESQUITA, Cristiane (Org.). *Styling e criação de imagem de moda*. São Paulo: Editora Senac, 2012. p. 161-170.

REVISTA ELLE Capa. Editora Abril, jul. 2014 il.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VEJA. *Coisas da moda*. Guia. Editora Abril, 2002.

Recebido em julho de 2018.

Aceito em setembro de 2018.

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. *Cadernos Discursivos, Catalão-GO, Edição Especial*, v. 2 n 1, p.127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).